

CORPO SEM SINÔNIMO

LUANA NAVARRO

ISBN 978-85-69848-01-1



9 788569 848011



CORPO SEM SINÔNIMO

LUANA NAVARRO

curadoria Ana Luisa Lima



Museu da Fotografia – Cidade de Curitiba

2016



VERBETES OU COMO (RE)CONHECER
UM CORPO SEM SINÔNIMO

Ana Luisa Lima

Algumas narrativas são difíceis de apreender se não estamos atentos às nuances de seus enredos. Penso que anos se passam a favor de uma oportunidade de entender as coisas com mais clareza. Talvez, haja no íntimo da jornada a chave que faz abrir o conhecimento que apenas o guardamos como intuição. Por certo, as construções de conhecimento – de qualquer ordem – não são lineares. É como montar um Quebra-cabeça. Começar por aquilo que faz sentido. Refazer o cenário a partir dos campos de cor, ou pelas bordas com seus ângulos retos. Mas há sempre algo que impulsiona, e nunca é de maneira racional, o desejo de encaixar partes que, inicialmente, não fariam sentido juntas.



Eu estava abrindo o portão que dá para o jardim da casa, quando vi meu pai saindo pelas portas dos fundos. Sentia-me muito irritada para perceber que ele levava consigo mais malas do que lhe era comum. Andava envergado como mula de carga. Acabei me irritando com ele ao ouvi-lo assoviar, como de Costume, a mesma música que lhe era um mantra. Quando cheguei na varanda, vi lá sua rede azul pendurada. Para mim, era a garantia de seu retorno. Mas não. A última presença de meu pai foi alardeada pelo cão rouco e cinzento da vizinha tagarela.

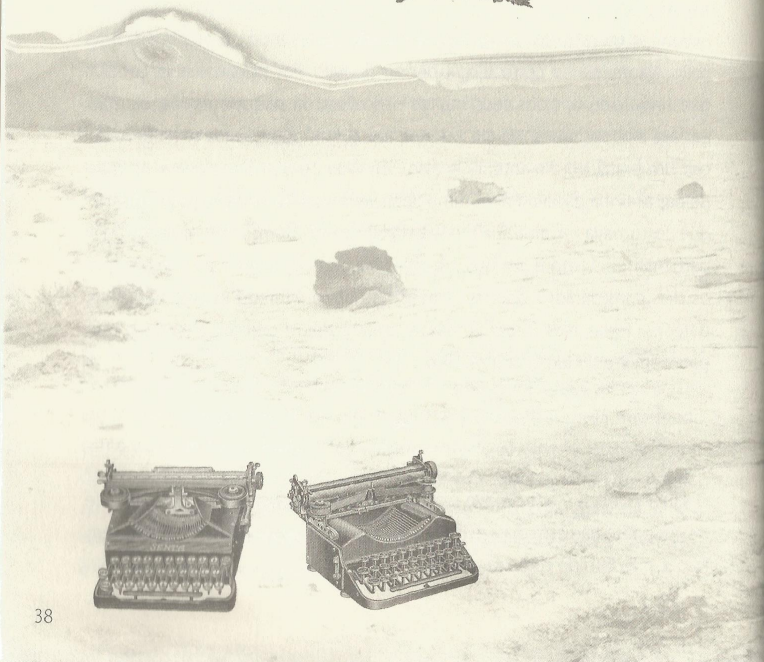
As coisas de falar e de pensar: nada há de bidimensional. No lugar do quebra-cabeça que nos acostumamos jogar desde crianças, pensemos num jogo de peças de montar em formato esférico. Sem começo, nem fim. Sem hierarquias de vetores: sem prioridades de direções ou sentidos. Um conjunto de conhecimentos que se equilibra entre sinônimos e antônimos. De alguma forma complementares, irregulares, plurais. Nesse Jogo, cada informação nova assume, por um momento, um foco que reconfigura os modos de entender. Faz dilatar os modos de perceber e sentir. É como criar mais uma janela dentro de uma arquitetura que habitamos que ajuda a contemplação do Todo.



Ao entrar na sala, dei de cara com mamãe recolhendo cacos de vidro do chão. Não sabia ao certo o que pensar daquilo. Por pragmatismo, concluí que tinha sido um dos seus muitos descuidos. Já naquela época, ela não andava boa das mãos. No dia anterior, fiquei sabendo que ela tinha deixado cair um prato, no dia anterior a esse, um vaso de porcelana que a vó, mãe de papai, tinha dado no penúltimo natal. Levei minha irritação para o quarto que costumava ser meu. Ela o havia transformado numa espécie de Refúgio particular em tempos em que a lucidez lhe parecia custar mais caro do que os dias considerados normais. Quase não havia sobrado espaço vazio nas paredes. Todas elas foram tomadas pelos livros e objetos aleatórios que pareciam lhe ter algum significado.



O saber Esférico é aquele que distingue que a descoberta da potencialidade de um ponto não esmaga a existência de um outro ainda não reconhecido em forma, mas intuído como presença.



Por muito tempo tentei diagnosticar os sintomas de mamãe. O excesso de Silêncio, o excesso de descuidos, o excesso de desapego. Pouco antes de me casar e me mudar para outra cidade, passei a ir na casa dela duas vezes por semana. Criei o hábito de anotar num caderno suas manias e fazer um inventário dos títulos e tralhas que ela estocava naquele quarto. Não demorou para entender que sua rigidez não era menos anormal do que a doçura de meu pai. Devo confessar que passar pelos meus momentos de transtorno eram mais fáceis ao lado de minha mãe. Com ela, eu não havia necessidade de me justificar; para ela, havia nada do que me redimir. Era fato que meu pai jamais me perguntou sobre nada, mas de alguma maneira os seus gestos olhavam transtornados para muitas de minhas contradições. Estarmos juntos, eu e mamãe, por si só, era suficiente. De alguma forma, acabávamos arrumando um jeito de sobreviver a nós mesmos.



Não podem ser desconsiderados os modos de estruturar o mundo que não cabem nas palavras. Talvez, haja nesse esconderijo do conhecimento uma maneira concreta de fazer-se Perceptível. Porque as coisas que sabemos são apenas contornos das coisas que ainda não sabemos. E é o não-saber que impulsiona a Existência em seu estado criativo.



Os meus dias de casada não foram muitos. A morte do voto veio antes da morte do corpo. Também não foram poucos. Ainda hoje lido com os estragos daquela vida a dois que deveria ter sido evitada. Nos traímos, sobretudo, em convicções que, bem ou mal, era o que havia nos feito encontrar. O encontro deveria nos ter sido suficiente e não esgarçá-lo por Inabilidade de dizermos não. Então: eu disse sim. Sob a benção de um deus que não conhecia. Ele disse sim. A uma mulher que não fazia ideia quem era.

Imaginemos uma grande Biblioteca cujas as capas dos livros se desprenderam de seus miolos, e que os miolos perderam suas páginas, e as páginas deixaram desvanecer algumas palavras. Esse é o estado natural do verdadeiro conhecimento de Tudo o que existe. Nossas tentativas de tornar científico o conhecimento, é uma tentativa, nem sempre generosa, de juntar algumas páginas, ainda que não tenha descoberto, ao certo, quais são as palavras apagadas pelo Tempo. Ainda assim, fazemos caber numa capa que abraça os fragmentos como se fossem o todo e criam a ilusão de inteireza.

....✻....

Faz pouco, o perceber que nunca me consenti começar a entendê-la. Eu desejava tanto aquela mulher que me deixei ser dela com a mesma Naturalidade de quem respira. Ainda assim, não quer dizer que respirar era fácil. Às vezes, tinha algo de seco, algo de rarefeito, e sobreviver tinha que ser pela boca.

....✻....

Nada pode ser desvendado porque a natureza das coisas é da ordem da reinvenção. Aquilo que é, nunca é. Está sempre recomendo a re-existir dentro de um tempo dobrado num espaço igualmente Mutável.

....✻....

A mim, ainda custa muito caro tentar apreender o que deu errado. Antever o movimento anterior ao Xeque-mate. Não que pudesse acreditar em sermos felizes, menos ainda, inseridos num pra- sempre. Mas, desde muito cedo, aprendi a ler o prazo de validade das coisas. É certo que nunca fui boa em retórica, em dar explicação para as coisas. Mas algo que sempre pude fazer foi usar todos os canais de percepção do meu corpo para prever certos depois. Um depois nunca é aleatório. Esse se desenha de fragmentos do antes com os gestos do agora.

As produções de sentido são uma necessidade humana de criar pontos que ajudam a se deixar caber no Tempo.

....✻....

Ele sempre teve uma média razoável de previsibilidade. Nunca soube ao certo como descolar o sentir dos seus respectivos sintomas. Algumas verdades não lhe eram uma virtude, mas degredo. Quando sorvi o Hálito de seu modo de existir, me tornei, eu mesma, a maior das contradições. Tudo o que, em mim, era cinismo e ameaça foi domesticado por sua presença. Com ele, eu sentia uma conexão extraterrena. Ao lado dele, pairava uma quietude, uma sensação de apaziguamento impossível de descrever.

....✻....

Havia em nós alguma Linguagem que se dava para além das linguagens. Nossa tagarelice intelectual parecia trazer criptografado aquilo de banal que de fato queríamos nos dizer. Acredito que algo de desonesto e muito vulgar nos atravessaria a alma, se trocássemos afeto com as mesmas palavras que os bilhões de mortais. Havia algo de raro que nos pertencia. Algo de par que nos fazia muito seguros daquele estarmos juntos.

....✻....

A real revolução encontra movimento nos pequenos gestos. Naqueles momentos em que sucumbir é mais simples e sem dor. Permanecer é um verbo que articula grandezas. Como um corpo fincado sobre si mesmo. Quando ele mesmo é paisagem a ser consultada nos momentos que os olhos apenas enxergam sem ver. Confundem o Vazio inquieto de dentro com a imensidão do que se estende para fora.

Eu o conheci do modo mais Ordinário possível. Apaixonei-me por ele por descuido. Numa fila de botequim, onde todo tipo de gente se amontoava para conseguir uma cerveja gelada e um pedaço de pizza fria. Não era muito mais do que um cubículo com três geladeiras e dezenas de caixas de bebidas empilhadas sem ciência. Sempre que via a cena, em minha cabeça, antevia o desastre com aquelas centenas de garrafas que despencariam, sem dar aviso prévio, sobre aquele senhor de aparência equivocada para aquele seu ganha pão.

....✻....

Aquele senhor sempre estava de camisas de tecido com todos os botões em suas casas devidas. As mangas eram sempre longas, não importava a estação. O que lhe diferia em moda inverno e moda verão eram as cores. Os tons terrosos não sabiam se seguiam à primavera ou outono. Atrás dos seus óculos de armação muito grossa, seus olhos se arregalavam toda vez que o chamava pelo nome. Eu era a Única voz que ele parecia discernir naquele emaranhado de súplicas. Acho que isso tinha a ver com aquele episódio que tivemos certa vez, quando ébria, não pude ajustar os passos a caminho de casa e exausta me desfiz a três metros da portinhola do boteco.

....✻....

Resistir. Nenhuma Força é capaz de intimidar a resiliência de quem se sustenta pela própria vontade.

....✻....

É bom sentir que algo, em mim, está adormecido. Porque desde os primeiros sintomas de separação sentia agulhas. Estocadas de dentro pra fora que me faziam sangrar lembranças muito amargas que nem o cigarro dava conta de

desmentir. Uma acidez no estômago me enfraquecia as vontades. Atendia a uma fome sem ter fome que me engordava o corpo e jamais amortecia os desconfortos da Alma. Desenvolvi o talento de criar rotinas para sobreviver o passar do tempo que insistia em estancar.

....✻....

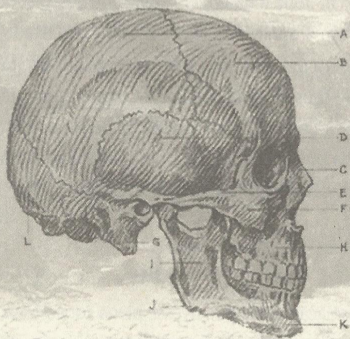
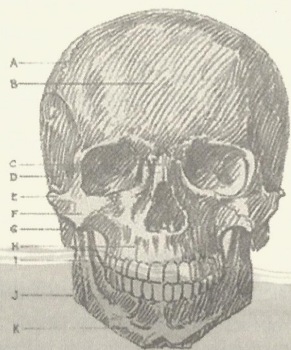
O Risco não pode ser confundido com apagamento. Mas sim, um traço cicatriz que aprofunda a leitura. Que corpo é esse que não descansa?

....✻....

Houve um tempo que alguma razão conseguiu desfazer aquele estado febril diário interessado apenas em convocar o sangue para rituais de autoindulgência. Nos poucos momentos de lucidez, eu abria mão daquele sacerdócio que jamais esteve autorizado a espiar culpas. Passado o tempo dos desmoronamentos de todo e qualquer significado que preenchia os vazios de dentro, conviver com a ruína era seguir existindo em estado límbico. Porque a sensação de alguém por perto é o que suborna os frios que fazem tremer a alma nunca livre de seus próprios medos. A Cumplicidade de uma vida a dois é o que não me permitia existir em função da deriva que me fundou. Saber-me ancorado, ainda que limitasse meus desejos de flangem, aquece melhor a alma do que a solidão de uma existência errática.

....✻....

Eu sentia certa desolação ainda que tivesse plena consciência de que o tempo que conseguimos passar juntos só foi possível através de uma fé na fé e certa arrogância. Antes do fim, lhe pedi que me amasse não mais como esposa, ou amiga, mas uma estranha. Com quem se é possível subverter a moralidade dos gestos. Em nosso Último êxtase, estávamos bem encaixados, como se



tivéssemos lido em algum lugar o manual de uso das ferramentas de nossos corpos. Cada toque acontecia com tanta precisão e leveza. Era a coreografia perfeita previamente ensaiada por cinco anos, com seus momentos de lesões, desânimos e cansaços. Quando pousei o meu rosto entre os seios dela, me consenti, naquele instante, agradecer ao deus por aquela mulher. Nem demoníaca, nem santa.

....✻....

Mamãe é alguém que me comove a alma, ainda que seja a mais estranha das criaturas que já convivi ou mesmo ouvi falar. Seus gestos se movem entre os muitos estados de se demonstrar indiferente que têm Aparência de certa grosseria. Eu nunca entendi sua opção por ter filhos. Fico me perguntando se em algum momento de sua vida ela deixou se submeter aos caprichos de ser considerada uma pessoa 'normal'!

....✻....

Por muito tempo supus que o que a tinha levado a esse modo de vida radicalmente desapegado foi a morte do meu irmão mais novo. Até que um dia, li numa folha de caderno, guardada num dos seus muitos livros de psicanálise, uma anotação muito lúcida sobre a inviabilidade de conduzir sua existência atrelada aos sentimentos, desejos, necessidades de qualquer pessoa. Ainda que conseguisse entender o anelo por afeto e reconhecimento, o que provavelmente tornava todo humano em humano, tal Desejo era em si mesmo um modo de se conduzir pela existência, desde seu início, inconstante e arbitrário. E diante da arbitrariedade, era possível construir para si qualquer produção de sentido. Inclusive o de não se deixar definir por essa produção de sentido. Isso que ela tinha escrito datava seus trinta e dois anos. Confesso que por vezes acho aborrecido que mamãe não se deixe enternecer facilmente.

Quando nos separamos, decidi deixar tudo para trás, inclusive qualquer Vestígio de uma vida que porventura pudesse me levar a fazer as mesmas escolhas. Não sabia ao certo por onde começar. Cada hábito, por mais simples que fosse, estava entrelaçado com o pequeno mundo que construímos para nós. Decidi abraçar uma vida imigrante, aproveitar as alianças políticas que naquele momento pareciam esboçar uma nova configuração entre os países do Sul. Afinal de contas, era animador que eu pudesse finalmente aceder à vontade que sempre tive de conhecer as particularidades culturais que se de um lado nos distanciavam como povo, por outro, eram o que justamente nos colocavam numa situação de irmandade, visto que aquelas dessemelhanças haviam nascido de um passado comum.

.....✻.....

Nunca soube ao certo como vim parar aqui. Naquele momento de profunda Instabilidade creditei minha confiança aos movimentos em torno do trabalho que estava desenvolvendo na época. Não havia porque desconfiar daquele novo respiro que minha carreira tinha tomado. Mas o fato é que hoje eu tenho lá minhas dúvidas se a história que se desenrolou a partir dali teria sido obra do aleatório, ou uma profunda e elaborada conspiração de minha própria alma.

.....✻.....

Quando um significado transita de uma língua para outra, parece que esse não consegue deixar para trás as poeiras de sua própria terra presa nos seus pés. Certos significados habitam em seu próprio país. As tentativas de alçá-los para outro lugar, inevitavelmente, fazem com que a palavra exerça seu direito de Perda e ganho. Nenhum significado existe de maneira inteira e estanque. E isso era o que me parecia fazer mais sentido em minha própria jornada como viajante.

Há dias que não posso escrever. É como se a escrita já não conseguisse nem mesmo esboçar as linhas do pensamento que tem me atormentado. A tradução sempre me levou a habitar em lugares suspensos. A realidade de uma e outra língua nunca se colocava em toda sua gravidade em meus modos de pensar. Entre uma língua e outra sempre há uma Lacuna intransponível. Um sítio de natureza informe em que a ideia de significado consegue fugir do martelo/bigorna que há nos significantes.

.....✻.....

A primeira cidade em que me instalei ainda me ajudava a manter algumas características do cotidiano que eu há tanto custo queria evitar. Um mero fragmento de hábito era capaz de trazer a plena presença dele, ali onde eu estava. Ao que parece, não há exercício mais dóido do que a expurgação de um amor que criou bases nos nossos modos de estar no mundo. Espécie de Zênite que nunca nos abandona. Uma coisa é aprender a alienar o corpo do outro. Uma outra, muito mais violenta, é alienarmos partes de nós mesmos porque nessas habitam, ainda que não queiramos, a voz eloquente de quem queremos esquecer.

.....✻.....

Não consigo parar de imaginar que essa arquitetura em que se forja numa vida a dois, é coisa mais natural que nossa necessidade de Habitar a nós mesmos. No momento em que me encontrei com ela, pareceu que uma possibilidade completamente distinta desse costumeiro exercício do desejo: sem as falcatuas usuais, engenharias do medo. Sem as modalidades perversas de palavras lisonjeiras com mensagens truncadas. Tudo era dito às claras com palavras honestas de abertura para entender o mundo em volta.

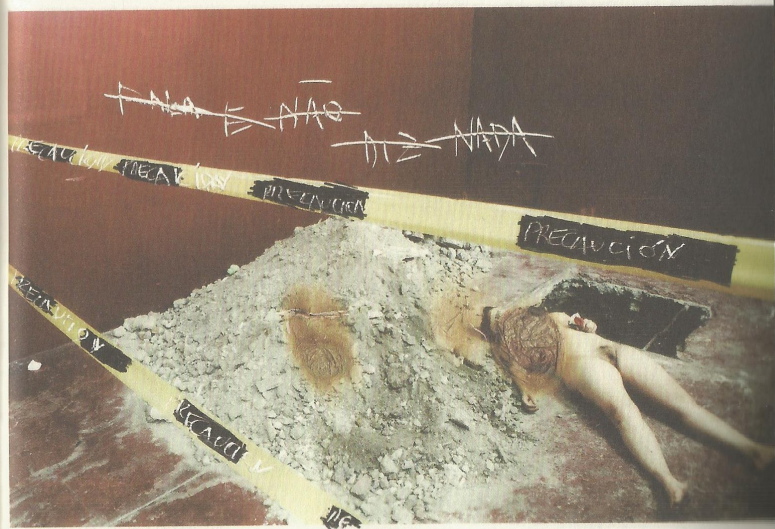
Expandir o corpo vem depois de sangrar e dilatar a alma. Nos acontecimentos de todo dia. Nas decisões impensadas. Nos tumultos dos Gestos que pensam sentindo. Quando a consciência ganha horizontes, o corpo acontece.



Ainda – é cedo. Seria possível ouvir o corpo Expandir?



Não era justo comigo saber seus paradeiros. Porque todos os meus impulsos diziam respeito ao controle dos seus itinerários: por onde, para que, com quem? Uma cadeia obsessiva de pensamentos estrangulava qualquer possibilidade de vida interna pacífica. Miseros detalhes que lhe escapavam da Narrativa sobre seu dia promoviam laboriosas construções argumentativas para provar o óbvio: o caminho inútil do labirinto do fim.



LISTA DE TRABALHOS

List of artworks

- 05 Para viagens longas, para viagens curtas, 2012
Fotografia impressa sobre papel algodão, 30x45 cm
For long trips, for short trips, 2012
Photographic print on cotton paper, 30 x 45 cm
- 08-10 Murmuro, 2013/2015
Fotografia impressa sobre papel algodão e vídeo digital (4'05"), dimensões variáveis
Murmur, 2013/2015
Photographic print on cotton paper and digital video (4'05"), variable dimensions
- 11-13 Micro-Resistências, 2008-2016
Série fotográfica e videográfica, dimensões variáveis
Micro-Resistance, 2008-2016
Photographic and videographic series, variable dimensions
- 14-15 Acidentes são reais, 2012/2015
Intervenção sobre fotografia, 15x21 cm, México
Accidents are real, 2012/2015
Intervention on photography, 15x21 cm, Mexico
- 16 Risco, 2015, vídeo digital, 5'10"
Risk, 2015, digital video, 5'10"
- 17-33 Perro, ou arroz de puta, ou o dia em que minha avó quebrou um prato na cabeça de minha tia, 2010-2016
Fragmentos do livro de parede, textos impressos em acetato dispostos em estrutura de madeira, 30x22x12 cm
Perro, or whore rice, or the day my grandmother broke a plate on my aunt's head, 2010-2016
Fragments of the wall book, printed texts on acetate arranged in wood structure, 30x22x12 cm
- 36-39 Corpo concreto, 2012/2015
Intervenção sobre fotografia, 15x21 cm, México
Concrete body, 2012/2015
Intervention on photography, 15x21 cm, Mexico
- 40-41 Fala e não diz nada, 2012/2015
Intervenção sobre fotografia, 15x21 cm, México
Speaks and says nothing, 2012/2015
Intervention on photography, 15x21 cm, Mexico

ENGLISH VERSION

(BOOK COVER)

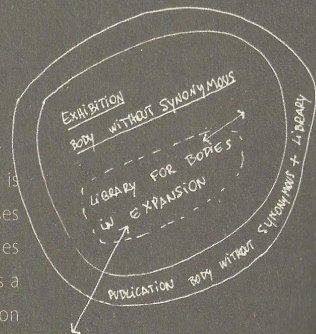
FRONT FLAP - COVER BOOK

Body without synonymous can be seen as a series of events, I exhibit distinct works in photography, videos and texts, constantly dialogue with the performance, inaugurate the library for bodies in expansion. I speak of daily resistances. Make daily gestures. It is my body and it's not. What body is this that doesn't rest? ----- In entries or how to recognize a body without synonymous by Ana Luísa Lima.

For eight years I remain.

I keep on having panic of dead exhibitions.

I can only make a sense of it if the space is alive, if there are voices, if there are step noises through the rooms, if there's someone who tries to put a hand on the image. The exhibition as a gesture of affection. The library is a proposition that builds a fluid space within the exhibition, it can also happen in other places. What interests me is it's potential to propose relations from the words that compose it: library / body / expansion,



on a certain multiple and moving image' that embraces the works and that is a space for other artists and non-artists to act.

BACK FLAP

I don't see the library in terms of curatorial actions, I would like my position above all to be seen and kept as one of an artist. The terms curator or independent curator don't interest me.

I propose, I imagine, I project, I test, I organize, I suggest, I listen, I take care, I divulge, I document, I share, I question the format itself, I act, I trade, I play, I invite.

FICHA TÉCNICA

Credits

Luana Navarro *Artista / Artist*

Ana Luisa Lima *Curadoria / Curator*

Milena Buzzetti *Produção / Production*

Leonardo Muller *Assistência de produção / Assistant to production*

Caroline Schroeder *Design gráfico / Graphic design*

Janaina Matter *Tradução / Translation*

Paula Melech *Assessoria de imprensa / Press manager*

Guilherme Jacon *Mídias Sociais / Social Media*

Cristian Teles e Fer Stancik *Montagem / Installer*

Lucas Amado *Iluminação / Lighting design*

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Navarro, Luana.

Corpo sem sinônimo / Luana Navarro. - Curitiba, PR :
Cigarra, 2016.

48 p. : principalmente il. ; 19 cm.

Texto também em inglês.

Exposição realizada no Museu da Fotografia Cidade de Curitiba,
de 18 de fevereiro a 20 de abril de 2016.

ISBN 978-85-69848-01-1

1. Navarro, Luana – Exposições. 2. Arte – Séc. XXI –
Curitiba (PR) – Exposições. I. Título.

CDD (22ª ed.)
709.81621

Tiragem: 900 exemplares

Composto em Myriad Pro
Miolo em papel pólen soft 80 g e vegetal 92 g
Capa em papel triplex 300 g



PROJETO REALIZADO COM O APOIO DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

NÃO ENTENDO A BIBLIOTECA NOS TERMOS DE AÇÕES
CURATORIAIS, GOSTARIA QUE MINHA POSIÇÃO COMO CURADOR
FOSSÉ VISTA E MARCADA COMO A DE UMA
ARTISTA. OS TERMOS CURADORA OU CURADORIA
INDEPENDENTE NÃO ME INTERESSAM.

EU PROPOUNHO, EU IMAGINO, EU PROJETO,
EU TESTO, EU ORGANIZO, EU SUGIRO,
EU ESCUTO, EU OUÇO, EU DIVULGO,
EU DOCUMENTO, EU COMPARTILHO,
EU QUESTIONO O PRÓPRIO FORMATO,
EU ATUO, EU NEGOCIO, EU JOGO,
EU CONVIDO,